

TREVISAN, DALTON. *ARARA BÊBADA*. RIO DE JANEIRO: RECORD, 2004. 110 P.

AS VEREDAS DA REALIDADE NUA E CRUA

Vanderlei Kroin¹

Ao lermos *Arara bêbada* (Record, 2004), do escritor curitibano Dalton Trevisan, já nas primeiras das 102 histórias do livro nos damos conta da diversidade de personagens e de cenários que o compõe. Antes disso, ainda, para os leitores mais atentos, já no sumário é possível identificar nos títulos lá apresentados um panorama dos tipos que o autor apresenta ao longo de toda obra.

Tais personagens, construídos a partir da observação atenta das veredas da sociedade protagonizam tramas corriqueiras, nem sempre retratadas em obras literárias, de modo tão cáustico como Dalton Trevisan o faz. Ele busca demonstrar a realidade nua e crua vivenciada e sentida cotidianamente pelos próprios habitantes de Curitiba. Os sonhos, os medos, as angústias, os abusos de toda ordem, condições existenciais dos mais variados tipos sociais, representados nas mais variadas situações.

A sátira e o sarcasmo evidente são demonstrados nas várias histórias que compõe o livro *Arara bêbada* por meio de uma linguagem concisa, sem floreios, o que evidencia a primazia pela verossimilhança ao modo ideológico extremamente natural com que seus personagens se relacionam com o mundo a sua volta e se manifestam, se comportam, agem principalmente nos momentos mais íntimos, com atitudes reprováveis, mesquinhas, insensatas, indecentes, maliciosas, repugnantes, inusitadas. Momentos particulares que vêm à tona com uma espontaneidade primorosa e mostram as relações humanas das “veredas da vida” como elas são em sua essência.

Momentos que são permeados e marcados por intrigas, desentendimentos, violência, coerções, dúvidas, titubeações, que podem ser observados nas histórias ao longo do livro pela utilização de vários sinais que caracterizam essas situações de dialogismo entre os sujeitos. A maioria contém diálogos onde notamos a vasta utilização de reticências e pontos de interrogação, o que dá ideia justamente dessa prosa cotidiana mesmo, a oralidade, o lapso, a dúvida, o embate dialógico entre sujeitos, que não se dá nunca de maneira homogênea e totalmente pacífica.

As situações cotidianas descritas são as mais banais e ocorrem em vários espaços sociais, até com certa frequência. Velórios, hospitais, bares, consultórios, bordéis, o

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras, Área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ UNIOESTE. Contato: vanderleikroin@gmail.com

espaço familiar e a rua são cenários em que pulsa latente o diálogo vivo, direto, sem cortes. Locais em que os personagens agem por vezes, como já observado, de forma reprovável, ingênua, mesquinha, intransigente e isso não aparece e nem é notado por quem não se envereda, não adentra pelos recônditos mais íntimos desses lugares.

Os personagens das histórias são descritos com uma cerimônia de amigos íntimos. O autor adentra, por exemplo, escancarando as portas dos lares para, antes de denunciar, nos apresentar naturalmente as relações conjugais e familiares que nem sempre são perfeitas e estão no mais das vezes sempre reclusas, reféns nesse espaço privado. Entre tantas, de forma pública o autor nos mostra as relações conflituosas entre pai e filha, marido e mulher, neta e avó, mãe e filha, cenas retratadas sem pudor, como que fotografadas no instante exato em que as relações humanas se mostram mais elementares.

Apresenta-nos o bêbado, sempre resoluto em sua valentia, machista, que vê na mulher apenas um objeto, sujeitada aos mandos e desmandos, com a utilização de um linguajar rude e seco. Também apresenta o velório, não o retratando como poder-se-ia esperar no imaginário popular, uma ocasião, uma fatalidade que ocasiona sentimentos de dor, pranto, comoção, mas, ao contrário, notamos, inversamente, que muitas vezes esses acontecimentos de perdas evidenciam sentimentos de felicidade, de libertação por parte de quem vê no defunto apenas o rompimento definitivo com um estorvo, empecilho à felicidade.

Por fim, observamos nas micro-narrativas de *Arara bêbada* uma alusão intensa ao sexo, ou pulsão sexual. Esse tema que ainda é tabu na sociedade poder-se-ia dizer que é central neste livro. Se pudéssemos defini-lo numa palavra, certamente a palavra sexo seria o grande rio para o qual correm todos os afluentes. Seria o fio para o qual converge toda essência do livro.

Não à toa o sexo é última instância física das relações humanas mais íntimas e o propósito do autor em explicitar isso nessas narrativas evidencia uma vez mais o embrenho vertical que ele empreende pelas veredas da sociedade. Não se trata evidentemente só de relações carnavais propriamente, mas de insinuações, inocência, gravidez, beleza feminina, tudo que se atrela diretamente às relações entre feminino e masculino.

Questão interessante é nos determos com atenção no título da obra. Quem não conhece uma arara, esse pássaro garboso, sociável, que vive em grupo e que é muito barulhento? E bêbado? Alguém que preponderantemente inebriado pelo efeito de álcool torna-se muitas vezes antissocial, revelando segredos indevidos, orquestrando confusão? Essa junção caracteriza pertinentemente bem o teor da obra. À primeira vista pode parecer até contraditório e mesmo indagável, até estranho esse título, mas ele faz todo o sentido.

Arara é essa sociedade, podemos dizer marginalizada, que tem também voz, grita, faz barulho, enfim vive, existe e, quando bêbada, traz à tona, torna públicos os assuntos mais particulares, mais escondidos, os segredos das relações mais íntimas. Em

resumo o título é uma permissão para que o autor nos mostre as veredas da realidade nua e crua de que faz parte o grosso da pirâmide social. Ele inverte os papéis e emancipa a base da pirâmide.

De certo modo ele se insere ou pelo menos simpatiza com essa inversão, pois como a sociedade ele também se faz arara bêbada e é somente deste modo que pode relatar, sem escrúpulos, com ousadia e propriedade os acontecimentos que estão no cerne dessas relações sociais. É um membro do grupo. Embriagado não tem pudor nenhum, ao mesmo tempo que tem autoridade para mostrar essa sociedade, desnudá-la da forma mais direta e simples.